

# Amazônia

Estratégia da Conquista  
A Jornada de Pedro Teixeira



Carlos Araujo Carujo

# Amazônia

Estratégia da Conquista  
A Jornada de Pedro Teixeira

2018

© 2018 Carlos Araujo Carujo  
*Todos os direitos reservados.*  
*Proibida a reprodução.*  
Copyright © 2018  
By Carlos Araujo Carujo

Capa do Autor  
Texto de Carujo

Edição publicada em Novembro de 2018  
IMPRESSO NO BRASIL - PRINTED IN BRAZIL

# DEDICATÓRIA

## **Alferes Pedro Teixeira**

*Bandeirante português que, na expedição pelos rios Amazonas e Negro, entre 1637 e 1639, realizou o grande feito de incorporar 5 milhões de quilômetros quadrados ao Território Brasileiro: a Amazônia!*



# SUMÁRIO

## **Apresentação**

Na trilha do pensamento de Carujo

## **Prefácio do Autor**

História Oficial e História Verídica

## **PRIMEIRA PARTE**

A Conquista da Amazônia

### **Introdução**

A Administração Colonial

### **Capítulo 1**

Primórdios da Conquista

### **Capítulo 2**

Campanhas e Missões

### **Capítulo 3**

Controle Espiritual e Político

### **Capítulo 4**

Choque de Civilizações

### **Capítulo 5**

Negro no Pará

### **Capítulo 6**

Doce Inferno dos Negros

### **Capítulo 7**

Conquistador da Amazônia

### **Capítulo 8**

Jornada de Pedro Teixeira

### **Capítulo 9**

As Crônicas do Frei Cristóbal

## **Capítulo 10**

Imigração e Povoamento

## **Capítulo 11**

Estratégia de Posse

## **SEGUNDA PARTE**

Bibliografia e Referências

# **Apresentação**

## Na trilha do pensamento de Carujo

O Autor deste trabalho de História da Amazônia sempre foi muito preciso quando, durante o desenvolvimento de sua pesquisa, falava-me de seu esforço.

Num determinado momento frisou que desejava não repetir os autores antigos, não de forma gratuita, mas porque a História não é um acervo de onde se retira um conhecimento simples. Para ele, acostumado a ler e estudar os cronistas antigos, a História é mutante, está sempre em construção. Portanto o historiador não é um ser parado no tempo – ele procura a vida inteira e sempre cria novas metodologias para suas buscas.

Prosseguindo na trilha do pensamento de Carujo para quem a História é filha do Tempo. Não pode ser desvinculada de sua conjuntura, do contexto de quem conta a história. O colorido do

pensamento do autor, do escritor, deve necessariamente impregnar as páginas de seus relatórios. Ele quer dizer, com isso, que a atmosfera de sua época, da contemporaneidade, irá sempre influir na narrativa que ele fará das épocas recuadas.

O Autor deste livro, para estudar os eventos da História da Amazônia de antigamente, não os isolou dos demais acontecimentos de sua própria época. Podemos concluir, por isso mesmo, que Carujo é contra os anacronismos, ou seja, não permite que haja confusão de datas em relação a acontecimentos e pessoas. Esta técnica impede que um acontecimento passado contenha ideias que não fazem parte de seu tempo.

Carlos Araujo Carujo pesquisa a História da Amazônia há 37 anos. É editor profissional, além de escritor e publica livros, jornais, fascículos e panfletos desde os 14 anos de idade.

Aos 66 anos de idade este Autor acumula a experiência de quem pesquisa sem parar a História.

# Prefácio do Autor

## História Oficial e História Verídica

*“A história é escrita pelos vencedores” .*

George Orwell

No livro “1984” – obra de ficção de George Orwell – os ditadores políticos utilizam-se da infidelidade para revisitar a História, impondo suas conveniências. Eles descrevem um conflito entre Eurásia e Oceania, em guerras imaginárias permanentes, para manter as populações sob o controle do “Ministério da Verdade”.

Infelizmente a História, como feixe de informações tradicionais dos povos relativo ao passado e à evolução da humanidade, não é ramo da Ciência, como ocorre com a História Natural da Biologia. A mais forte razão pela qual a História não pode ser uma ciência, contrariando até mesmo grandes dicionaristas como Aurélio Buarque de Holanda, é porque, muitas vezes, ela é contada sob o

ponto de vista dos vencedores. Assim, o passado se esvai pelas frestas da memória, do real acontecido e cede às tradições orais tendenciosamente eleitas pelos poderosos e às manipulações documentais.

Os chamados “erros históricos” são montagens argumentativas para falsificar dados, criar factoides, inverter acontecimentos e denegrir imagens. Temos exemplo disto nos rumorosos casos de Galileu Galilei, Joana D’Arc, Giordano Bruno e Tiradentes.

Quando li sobre o julgamento de Galileu, pela Igreja, não sabia que as referências que consultava eram apócrifas. A necessidade de buscar a verdade, para o meu livro “Pacto de Poder”, colocou no caminho fontes históricas de primeira mão uma vez que, até então, havia conhecido o caso pela via da polêmica. Descobri que o mestre da astronomia nunca foi torturado, não foi condenado por heresia e não morreu na prisão, como falsearam. O pretenso desprezo da Igreja, que “não lhe havia dado sepultura”, conflita com a sua plena liberdade individual, porque depois do “julgamento” passou a morar em um castelo com a pensão de 100 ducados pagos pelo papa. Nenhum agnóstico recebe, como ele recebeu do Vaticano, a bênção apostólica em leito de morte.

A conhecida mártir Joana D’Arc teve sua prisão política decretada pelo Rei Henrique, da Inglaterra, que contratou o bispo Cauchon, um refugiado, que se juntou a outros clérigos vendidos aos ingleses, para um julgamento não autorizado pela Igreja. A Igreja e

o papado estiveram completamente alheios a este julgamento. O bispo Cauchon, conhecido traficante de bens sagrados, não tinha as credenciais da Igreja. Joana D'Arc morreu proclamando publicamente sua submissão ao papa. O Papa Calixto II, cinco anos depois da morte de Joana, declarou o processo ao que ela injustamente foi submetida “repleto de dolo, calúnia, injustiça, contradição e violações de direitos.”

O dominicano Giordano Bruno era moralmente corrompido e francamente herético, segundo os historiadores católicos. Alguns anos depois de sua ordenação desertou da ordem se tornou calvinista. Declarou-se, em seus escritos, inimigo do Papa e do Cristianismo. Por isso foi queimado na fogueira, após julgamento pelo Tribunal da Inquisição. As acusações, pelas quais foi condenado, são de uma lista que inclui, entre outros crimes, deserção, apostasia, heresia, assassinato. O monumento erguido a ela, em Nápoles, tem por autores militantes anticlericais o que possui um paralelo na Rússia onde foi construído um monumento em homenagem a Judas Iscariotes.

Na pesquisa, também para o livro “Pacto de Poder”, descobri que a imagem de Tiradentes é falsa. Aquele herói cabeludo, com longas barbas, semelhante a Jesus nunca existiu. Está documentado que os presos eram proibidos, naquela época, de usarem cabelos longos e barba por fazer. Além disso, o Alferes José Joaquim, por ser da Polícia Militar, deveria manter seus cabelos curtos e a barba

escanhoadas. Os documentos ainda revelam que, em sua casa de moradia, foram encontrados navalhas de barbear e um espelho.

Mesmo diante das comprovações históricas não é fácil, para as pessoas comuns, mudar as historietas contadas pelos manipuladores, pelos agentes da propaganda, que tem servido de fontes para muitos historiadores incautos.

Na composição deste livro travei embates com as minhas próprias fontes, dissecando-as em busca da verdade, isolando as falsificações. Os alvos principais das minhas críticas eram os relatos populares, que não encontravam respaldo na documentação coletada. Exemplo disto é a rota de Pedro Teixeira, na conquista do Amazonas, seu local de partida, no Pará e a variação de contingente humano deslocado por sua expedição. Neste sentido desejo intimamente que minha produção se constitua num legado importante para a própria História da Amazônia.

O conjunto dos meus escritos, nesta área, eu os projetei para que ultrapassasse a pesquisa histórica vulgar. Tenho me aplicado em incursionar, não apenas nos debates históricos contemporâneos, mas na área da criminologia, psicanálise, mitologia, genealogia, heráldica, herança judaica e pesquisa biobibliográfica.

Não gosto, no entanto, que me imputem métier de jornalista. Sou de opinião de que os intelectuais, da área de pesquisa histórica, não deveriam ser

ligados ao jornalismo atuante, dependentes da “pauta”, tendo em vista que os interesses editoriais dos periódicos flutuam de acordo com as conveniências do jogo político. Exemplo disto é a batalha de textos chulos entre os dois principais jornais de Belém que se transformaram, nos últimos anos, em panfletos da mais baixa categoria, financiados pelos seus provedores políticos, na busca desesperada de elegerem seus candidatos eleitorais e depois de os manterem no poder.

Os jornais e as revistas de minha época não são mais o locus de divulgação de talentos literários, como no passado. Para mim as publicações periódicas são utensílios alienantes, serviços do mundo político e veículos da manipulação do pensamento dúbio, ferramentas de manutenção do domínio sobre as massas a qualquer custo, propaganda enganosa remunerada.

Não quero fazer, aqui, uma autobiografia, embora já tenha me arvorado a isto. Mas tenho por importante ressaltar, neste momento, que os textos que tenho elaborado podem se destacar como incitantes, talvez essenciais, à renovação da pesquisa histórica, no Pará, desta vez num patamar de maior dimensão. Existem razões para isto, longe da vaidade.

Teimo em afirmar por indiscutível o crescimento futuro, da importância de minha obra, no âmbito da pesquisa histórica paraense. Aos poucos meus livros tendem a se sobrepor em toda